

**O PROJETO “PEDAGOGIA NA QUARENTENA”:  
CONTEXTOS E CONTRASTES  
EDUCATIVOS EM MEIO À PANDEMIA**

***“PEDAGOGIA NA QUARENTENA” PROJECT:  
EDUCATIONAL CONTEXTS AND  
CONTRAST IN PANDEMIC TIME***

***EL PROYECTO “PEDAGOGÍA EN LA CUARENTENA”:  
CONTEXTOS Y  
CONTRASTES EDUCATIVOS EN MEDIO DE LA PANDEMIA***

Adriana Patrício Delgado<sup>1</sup>

Emília Carolina B. S. Augusto<sup>2</sup>

Felipe de Carvalho Ferreira<sup>3</sup>

Isadora L. M. de Lucena<sup>4</sup>

Janilce de Oliveira Castello<sup>5</sup>

Julia dos Santos Vieira<sup>6</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo trazer o relato da construção, execução e vivências do projeto de extensão Pedagogia na Quarentena, advindo da urgência do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro resistir mediante a um momento delicado, sensível e complexo que é a necessidade de isolamento social. Com a divulgação e organização de dois ciclos de atividades ao longo do ano de 2020, o projeto buscou trazer ao debate os desafios impostos à educação, aos professores e alunos com o fechamento de todas as instituições de ensino a partir da crise ocasionada pelo novo coronavírus. Sendo assim, pretendemos nessa reflexão apresentar especificamente as atividades desempenhadas ao longo do segundo ciclo, momento em que o evento passou a estar atrelado a extensão universitária, como Evento de Extensão. Na segunda parte, tratamos da execução do evento *on-line*, seus marcos e desafios. Encerramos o artigo trazendo relatos de experiências dos extensionistas e como essa vivência,

---

<sup>1</sup> Pedagoga, Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9152-2888> E-mail: [adrypatry@hotmail.com](mailto:adrypatry@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2994-5396> E-mail: [emiliacarolina@gmail.com](mailto:emiliacarolina@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduando em Pedagogia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9337-5404> E-mail: [felipec.ferreira47@gmail.com](mailto:felipec.ferreira47@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduanda em Pedagogia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2209-7902> E-mail: [loyolaisadora@gmail.com](mailto:loyolaisadora@gmail.com)

<sup>5</sup> Graduanda em Pedagogia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5172-9737> E-mail: [janilcecastello@gmail.com](mailto:janilcecastello@gmail.com)

<sup>6</sup> Graduanda em Pedagogia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9305-1795> E-mail: [juliavieira\\_13@hotmail.com](mailto:juliavieira_13@hotmail.com)

mesmo distanciada, foi relevante na formação e reformulação de nossas práticas como futuros docentes.

**Palavras-chave:** Pandemia. Extensão-Universitária. Racismo. Precarização. Educação.

**Abstract:** *This article aims to bring an account of the construction, execution and experiences of the Pedagogy extension project in Quarantine, arising from the urgency of the Pedagogy course at the Federal University of Rio de Janeiro to resist through a delicate, sensitive and complex moment that is the need of social isolation. With the dissemination, and organization of two cycles of activity throughout the year 2020, the project sought to bring to the debate posed challenges to education, teachers and students with the closure of all educational institutions due to the crisis caused by the new coronavirus. Therefore, in this reflection, we intend to present specifically the activities performed during the second cycle, when this program became an extension project. In the second part, we will deal with the execution of the online event, its milestones and challenges. We will close the article with reports of the extensionists' experiences and how this experience, even at a distance, was relevant in the formation and reformulation of our practices as future teachers.*

**Keywords:** *Pandemic. University Extension. Racism. Precariousness. Education.*

**Resumen:** *El presente artículo tiene como objetivo traer el relato de la construcción, ejecución y vivencias del proyecto de extensión Pedagogía en la Cuarentena, oriundo de la urgencia de la carrera de Pedagogía de la Universidad Federal de Río de Janeiro en función de resistir a un momento delicado, sensible y complejo que implica la necesidad de aislamiento social. Con la divulgación y organización de dos ciclos de actividades a lo largo del año de 2020, el proyecto buscó traer el debate sobre los desafíos impuestos a la educación, a los profesores y alumnos con el cerramiento de todas las instituciones educativas a partir de la crisis ocasionada por el nuevo coronavirus. Así, en esta reflexión pretendemos presentar específicamente las actividades desempeñadas a lo largo del segundo ciclo, momento en que el evento pasó a estar relacionado a la extensión universitaria, como Evento de Extensión. En la segunda parte, trataremos de la ejecución del evento on-line, sus marcos y desafíos. Finalizamos el artículo trayendo relatos de experiencias de los estudiantes extensionistas y cómo esta vivencia, aunque a distancia, fue relevante en la formación y reformulación de nuestras prácticas como futuros docentes.*

**Palabras-clave:** *Pandemia. Extensión Universitaria. Racismo. Precarización. Educación.*

## **Introdução**

O ano de 2020 protagonizou a interrupção das atividades presenciais em todas as instituições de ensino do Brasil a fim de conter o avanço da epidemia desencadeada pelo novo coronavírus. Cada estado e municípios adotaram medidas restritivas de isolamento, no caso do Rio de Janeiro, isso ocorreu a partir do dia 13 de março de 2020. O que a princípio seria uma paralisação de 15 dias, já permanece há mais de um ano e com um conjunto de incertezas sobre

a retomada das vivências presenciais nas escolas e universidades. Ao longo desse período, todas as práticas com as quais o corpo social acadêmico estava acostumado precisaram ser revistas para que as universidades mantivessem a posteriori não apenas sua atuação de excelência em ensino, pesquisa e extensão, como também de certa forma os laços com sua comunidade acadêmica, as experiências transformadoras da vida universitária e a produção científica. É imerso nesse contexto que emerge o Projeto de Extensão Pedagogia na Quarentena, vinculado ao Núcleo de Planejamento Pedagógico das Licenciaturas (NPPL), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que, no ano de 2020, desenvolveu dois ciclos de atividades.

A iniciativa contou com a participação de membros do NPPL, somado ao coletivo de estudantes, a partir do segundo ciclo, oriundos do curso de Pedagogia da mesma universidade para pensarem juntos estratégias de conectar esses novos desafios frente a uma crise de saúde mundial, com a permanência das atividades e aproximação dos discentes ao universo acadêmico. Nesse sentido, promover um encontro, mesmo que de forma virtual, condiz também aos esforços de permanecer viva a união entre os discentes, docentes, técnicos e terceirizados, em um momento de tanta insegurança e imprevisibilidade sobre o futuro.

Além disso, é importante destacar que em meio às diversas críticas, suspeitas e denúncias contra a esse espaço público de ensino, promover atividades extracurriculares condiz com os desdobramentos e funções universitárias. De forma, para elucidar o processo de criação e desenvolvimento do Projeto de Extensão, o presente artigo trata especificamente da organização, atuação e dinamização do segundo ciclo e como essa prática foi relevante diante um momento tão adverso para a universidade pública. Ademais, é por meio das contradições, complexidades e desafios enfrentados que vamos nos construindo e fortalecendo os laços e aprendizagens.

### **Articulando saberes: o que se pensou na composição das *lives***

Na construção deste segundo ciclo foi colocado o desafio de conduzir uma extensão que atendesse à comunidade interna e externa da UFRJ, cumprindo seu papel dialógico com as múltiplas vozes que compõem nossa sociedade. Para isso, os extensionistas, junto à coordenação do projeto, propuseram um ciclo de palestras que fosse o mais diverso possível e que sublinhasse as falas, as lutas e as disputas tão viscerais no Brasil. Ao longo das reuniões virtuais e através de uma escuta ativa de estudantes e professores, questões como “O que é ser

produtivo?”, “Reflexões dos papéis sobre o que é ser professor(a) e aluno(a) em meio às aulas remotas”, “Noções de contextos e contrastes”, “Como pensar as modalidades previstas em plena quarentena?” e “Atividades conjuntas ao Coletivo Negro de Pedagogia – Nilma Lino Gomes” surgiram como ideias que direcionaram as ações conjuntas, compondo a práxis e o corpo do evento. Pautados nos ensinamentos freirianos de que toda prática pedagógica é também um exercício político (FREIRE, 2018, 1974), todos os envolvidos se preocuparam em atender anseios advindos dos laços com a própria universidade e com escolas parceiras que atravessaram, e atravessam, um momento de muita imprecisão em relação à educação, à vida e às políticas públicas.

Articulados na pulsão de recriar nossas vivências de formação e impulsionar os diálogos no campo da formação do pedagogo, foram organizadas duas semanas de intensos debates pautados na conjuntura política, econômica e social brasileira a fim de não apenas pautar o debate, mas manter o espírito de luta pela defesa da educação pública, laica e gratuita. Nesse sentido, as *lives* aqui analisadas receberam os seguintes títulos: “O racismo estrutural e a necropolítica para além da pandemia”; “A conjuntura política e a dominação de classe em tempos de pandemia”, “Análise das políticas educacionais no contexto da pandemia”, “Reflexões sobre a relação ensino-aprendizagem e a função social da Universidade em tempos pandêmicos”, “Campos de atuação do(a) pedagogo(a): quando o público e o privado se misturam” e “A escola fechou? Reflexões sobre a Educação Básica na conjuntura atual”. Ademais, vale salientar que as dinâmicas e experiências vivenciadas durante a pandemia podem e devem ser atravessadas pelos debates sobre classe, gênero, raça e sexualidade. Sendo assim, devido às construções culturais, patriarcais e machistas (SCHWARCZ, 2020), sobretudo para mulheres negras, derivam dos “processos históricos e contemporâneos de opressões interseccionais” (RIOS, 2020). Tais ocasiões tangenciam, de acordo com Scott (1990), para uma construção social de gênero que vai moldando os papéis exercidos por homens e mulheres na sociedade. Portanto, destaca-se o inevitável movimento de tensionar as dinâmicas, realidades e vivências múltiplas que estão intimamente interrelacionadas ao momento complexo que todos(as) estamos presenciando. Assim, analisamos a seguir as temáticas das *lives* ocorridas no II Ciclo Pedagogia na Quarentena realizadas em formato virtual entre os dias 21 de setembro e 1 de outubro de 2020.

## Racismo e necropolítica

Na era da pós-verdade, em que liberdade de expressão tornou-se licença para discursos de ódio, exclusão, racismo, violência e preconceito, a *live* “O racismo estrutural e a necropolítica para além da pandemia foi pensada para refletirmos sobre o perigoso período em que vivemos. Realizada em parceria com o Coletivo Negro de Pedagogia da UFRJ intitulado Nilma Lino Gomes, atingimos a importante marca de 1,9 mil visualizações (dados recolhidos em outubro de 2020).

Diante do avanço exponencial do vírus, infelizmente, foram presenciadas situações alarmantes de casos e infecções que, por assim dizer, necessitam de alguns olhares atentos para essa situação. Nesse sentido, a maneira como somos afetados pelas consequências do isolamento e mortes derivam de uma desigualdade social e racial, historicamente construída, atravessada por um conjunto de políticas públicas que ampliaram as desvantagens entre alguns grupos. Sendo assim, foi imprescindível nesse exercício da composição das mesas, abdicarmos de uma narrativa que tentasse representar uma suposta democracia racial, no qual retira do campo do debate os conflitos emergentes, colocando os indivíduos em uma mesma escala de risco com a infecção do vírus. Além disso, inspirado no pensamento de Paulo Freire, entende-se como fundamental que a universidade e todos os sujeitos envolvidos neste espaço assumam o compromisso político de rejeição absoluta a qualquer forma de discriminação, afinal a “prática preconceituosa de raça, classe, e gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia’ (FREIRE, 2018, p. 37).

Nessa perspectiva, o conceito de *necropolítica* trazido pelo filósofo camaronês Achille Mbembe sublinha as estratégias ligadas ao biopoder que, dentre outras questões, situa a utilização do poder enquanto ferramenta que determina quais pessoas devem viver e como outras podem morrer (MBEMBE, 2016). Posto isto, tomando como base as orientações promovidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) de prevenção contra a contaminação do vírus, detectamos disparidades entre a população que se disponibiliza, ou não, de condições mínimas de higiene e proteção. De acordo com dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018 a porcentagem de cidadãos residindo em domicílios sem abastecimento de água por rede geral é de 11,5% para pessoas brancas, ao lado de 17,9% para pretas ou pardas (IBGE, 2019). Além disso, se comparados a questão da distribuição de

renda e condição de moradia, o abismo se amplia na medida que 15,4% das pessoas brancas vivem com menos de US\$ 5,50 por dia, aos alarmantes 32,9% da população preta ou parda.

Dessa forma, percebe-se que os corpos negros são vistos como estranhos, objetos e, portanto, negado seus direitos e não reconhecidos como sujeitos. O racismo está presente, cotidianamente, em uma sociedade em que muitos se recusam a enxergá-lo. Sendo assim, a partir, por exemplo, da discrepância de professoras(es) negras(os) nas universidades, refletimos sobre as seguintes questões: Em que lugar esses corpos se fazem presentes? Qual o espaço que nos é permitido viver, ou morrer? Qual é o corpo mais “matável”?

Portanto, sob influência desse cenário conturbado que mobilizamos esforços em convidar especialistas, professores e estudantes para dialogarem sobre esses tensionamentos, ampliados pela pandemia. Nesse momento, pensamos a composição de uma mesa que partisse de um protagonismo histórico-cultural, ou seja, que fosse composta por pessoas que compartilhassem além de uma perspectiva teórica comum, mas também tivessem em suas práticas e vivências essas similaridades. Foi então que, baseado nesses princípios, desenvolvemos a *live* intitulada “O racismo estrutural e a necropolítica para além da pandemia”.

Como característica desse encontro, desfrutamos de uma mesa composta inteiramente por pessoas pretas, caracterizada pelo protagonismo feminino das palestrantes. Ademais, para a mediação do encontro foi sugerido que fosse administrado por um estudante preto, extensionista do projeto, uma vez que somaria na questão do protagonismo de histórias e vivências desencadeadas pela temática. Como resultado, obtivemos um retorno gratificante de 1.090 visualizações, além de aproximadamente 100 curtidas e quase 250 comentários. Esses números demonstram, especialmente, a preocupação e recorrência de interesse público pelo tema, sendo esse alvo de dúvidas, questões, perguntas e aprofundamentos.

### **Conjuntura política e sua influência na educação**

Um outro conjunto de *lives* que ocuparam três dias de nosso evento se detiveram em discutir a conjuntura política e a dominação de classe ao longo da pandemia, a análise de políticas educacionais e reflexões sobre a relação ensino-aprendizagem na Universidade ao longo do cancelamento das aulas presenciais. Estas três apresentações juntas somaram cerca de 3,3 mil visualizações, segundo dados coletados em outubro de 2020, logo após o encerramento do evento.

Distanciados pelo tempo podemos hoje refletir sobre quantas vidas teriam sido poupadas, sobre possibilidades mais concretas de vacinação em massa e um retorno mais seguro das atividades presenciais em escolas e universidades se houvesse compromisso do Estado com seus cidadãos, se a necropolítica não fosse uma realidade para o atual governo e se as políticas públicas de saúde e educação ganhassem corpo ao longo desse processo doloroso que ainda nos assola.

Sendo assim, no decorrer das *lives* foi discutida a militarização das escolas e como este processo tem por intuito criar uma nova geração de adultos conservadores, que mantenham os discursos de ódio e os ataques às minorias. Enquanto escolas privadas se proliferam e vendem o acesso à educação com discurso progressista pautada nas palavras de ordem - inovação, empreendedorismo e tecnologia - às escolas públicas, por sua vez, são reservadas projetos de sucateamento, adestramento e conservadorismo a fim de manter massas de trabalhadores inconscientes de seu próprio poder de organização e sobre os meios de produção. Cabe ressaltar que tal distinção se dá sob o prisma de interesses políticos e econômicos materializados em políticas públicas, em especial, a partir de 2016.

Nesse sentido, as *lives* despertaram para o dito de Darcy Ribeiro que nos lembra que “a crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto”, cuja manutenção de um quantitativo da população com baixa escolaridade e sem acesso a uma educação de qualidade é fundamental para a manutenção do *status quo* de uma elite pouco afeita ao estado de bem estar social amplo. Dentro desse projeto também se encontra a filtragem dos livros didáticos, promovida pelo próprio Ministério da Educação, pautada numa escalada de discursos baseados em crenças pessoais e emoções tão típicas da era da pós-verdade.

Durante as análises das *lives* desse bloco foram discutidos o cenário de desmonte e retrocesso no campo educacional desde 2016 como a intervenção no Fórum Nacional de Educação e das retiradas dos representantes e conselheiros das organizações de gestão democrática para a inclusão de membros diretamente ligados ao governo. O aparelhamento dos espaços de discussão democrática configura parte significativa dessa escalada do conservadorismo e ao passo que se sucateia, abre-se o discurso da privatização.

Nesse compasso, é espantoso olhar sobre os dados apresentados e a movimentação de trilhões de dólares no mercado educacional internacional ao longo da pandemia. As Tecnologias da Informação e Comunicação, antes apresentadas como meio de melhorar as relações entre pessoas no mundo, foram criadas a priori como instrumentos de extermínio, de

direcionamento de bombas e observação do inimigo. A pandemia forneceu às ferramentas tecnológicas um novo significado e área de atuação dentro da educação. No Brasil, especialmente, grupos como a Fundação Roberto Marinho e a Fundação Lemann abriram inúmeras frentes de atuação educacional desde o fechamento das escolas. A velocidade com a qual esses grupos se articularam e enviaram questionários a professores, diretores e responsáveis a fim de recolher dados e alavancar suas ações foi impressionante. São esses dados que pautam a nova atuação docente, que subordina professores às exigências dessas plataformas (GUIMARÃES, 2020). Diferentes acadêmicos chamam a atenção para essa perspectiva de uma privatização por dentro, em que empresários se ocupam de programas, pacotes, plataformas e estratégias pedagógicas na promessa de otimizar e manter a escola funcionando de forma remota numa falsa ilusão de equidade e qualidade mesmo que às custas da precarização do trabalho docente e da falta de interação entre os atores da escola. Nos discursos desses empresários, era evidente a ideia de que a pandemia “abria uma janela de oportunidades”, mas para quem?

### **A escola em tempos de pandemia**

Reflexivos pelos debates realizados, chegamos ao terceiro bloco das *lives* que girou em torno da escola e sua atuação neste período. As *lives* que destacaram a escola básica alcançaram mais de 3 mil visualizações e reuniram professores e alunos que, de diferentes formas, estão atuando com as crianças ao longo do isolamento.

Reinventar tornou-se uma palavra frequentemente utilizada para as diversas iniciativas e estratégias utilizadas pelos profissionais de educação em tempos de crise de saúde pública. Em meio a diversas *lives*, reuniões, aulas remotas, responsabilidades domésticas e profissionais, fomos atravessados por um conjunto de atividades que colocaram as dimensões privadas e públicas em conflito. Sendo assim, as noções de tempo e espaço sofreram profundas mudanças nesse novo cenário, demandando mais responsabilidade e estabilidade socioemocional dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Nesse momento de (in)certezas, a escola é imersa, novamente, em discursos perigosos, irresponsáveis e intencionais que desconsideram os iminentes riscos que um retorno aligeirado possa causar. A função da escola nesse período de crise recai sob argumentos que a define enquanto um espaço produtivo, retirando os jovens de casa mesmo com políticas públicas e

sanitárias mundiais de isolamento social, especialmente devido ao caso particular do Brasil. Aos defensores de seu retorno imediato, apesar de um contexto onde morrem, diariamente, cerca de 4 mil pessoas no Brasil, mistura-se ao descaso com argumentos superficiais e danosos dirigidos pelos simpatizantes dessa ideia.

Nesse sentido, a luz de falácias que supostamente estariam em “segurança” professores e alunos, confundem-se aos estudos científicos que apresentam resultados de mudança da variante do covid-19, atingindo mais jovens do que idosos. Ou seja, partindo do princípio de precarização e *déficits* dos financiamentos dedicados à educação ao longo dos anos, teto de gastos com a Emenda Constitucional 95, somados às demandas já existentes com serviços básicos de limpeza, estrutura e insumos, como englobar a esses fatores uma volta que não fosse desastrosa.

Os entraves relativos ao contraditório uso de uma tecnologização escolar, por meio de alegações que ressaltam a tecnologia enquanto “[...] algo que deve ser mantido fora da escola ou, pelo menos, algo que deve ser cuidadosamente abordado [...]” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 45), deram espaço a uma imprescindível utilização desses instrumentos para continuidade do funcionamento escolar. Ou seja, pensar hoje em escola sem que haja acesso a um pacote de dados de *internet*, computador, celular, *tablet*, *notebook* é, de algum modo, ser controverso às medidas implementadas em meio às demandas urgentes.

Podemos evidenciar em pesquisas mais recentes que as escolas privadas adotaram um sistema de atendimento remoto dando prioridade ao uso do computador e de forma bastante veloz, em boa parte do país, enquanto a adoção de qualquer medida de contato com os alunos na rede pública brasileira sofreu atraso significativo. Além deste atraso relatado, os programas da maioria das capitais demonstraram atenção insuficiente para políticas de garantia do acesso às tecnologias de seus alunos que permitissem algum aprendizado e acompanhamento. Enquanto na maior parte das capitais o computador pareceu ser uma saída, existe uma parte significativa do país que adotou programas de tv local e sobretudo rádios comunitárias como forma de atingir os alunos matriculados em suas redes de ensino (BARBERIA; CANTARELLI; SCHMALZ, 2020). A entrega de material impresso também configura uma tentativa de atingir os alunos, mas, para além do material pedagógico, não podemos nos esquecer que este período se configurou, sobretudo, como uma época de insegurança alimentar para um grupo enorme de crianças. Apostilas e cestas básicas se confundem entre o que é necessário para que as crianças

de diferentes redes públicas não sofram ainda mais com as persistentes desigualdades escolares no Brasil.

Diante desses fatos, muito tem se pensado sobre os próximos passos, ainda que nebulosos, que a escola irá se aventurar. Sendo assim, passados mais de um ano desde o início da pandemia, em que muitas vivências puderam ser compartilhadas, as *lives* voltadas para a educação básica trouxeram os relatos e as experiências de profissionais que se encontram em isolamento, mas trabalhando de forma avolumada para tentar manter seus empregos e alguma vivência escolar aos alunos.

Num contexto em que as relações sociais e de trabalho são atravessadas por questões particulares e de caráter público, somada às tensões existentes quanto à função da escola, pedagogos e professores passaram por enormes reflexões sobre sua formação e sobre sua atuação nesse período pandêmico. Com as escolas fechadas e o trabalho remoto sendo a única possibilidade no momento, solidão e incertezas foram palavras presentes nas mesas destinadas a pensar este contexto e seus impactos no processo de aprendizagem, na organização do trabalho remoto e na própria atuação destes profissionais.

Neste eixo de escolas no tempo de pandemia, a *live* “Campos de atuação do(a) pedagogo(a): quando o público e o privado se misturam” contou com a participação de profissionais da educação em diversas instâncias, sendo composta por uma orientadora educacional do município de Nova Iguaçu, um professor de química da rede privada do Rio de Janeiro, uma educadora popular e uma pedagoga. A composição foi pensada na proposta já intitulada, buscando conversar e articular os diversos espaços onde a formação em pedagogia nos propicia, conjuntamente com a troca de experiências e aprendizado nos últimos meses. A apreciação foi tamanha que, assim como as outras *lives*, foram alcançadas mais de 1.200 pessoas, além de dezenas de curtidas e aproximadamente 300 comentários, evidenciando a curiosidade e relevância daqueles que tenham interesse nas outras modalidades como possibilidades de atuação.

Dado que a pandemia impôs uma nova dinâmica, dotada de incertezas, anseios pelo futuro e medo pelo presente, a escola em seu caráter institucional se vê confrontada com novas adequações necessárias diante desse cenário epidemiológico. Ao olharmos para o corpo docente, temos um cenário em que os professores passam a reinventar ainda mais suas práticas pedagógicas, o que gera uma sobrecarga desse trabalho, pois além disso precisam aprender a utilizar ferramentas tecnológicas e construir diferentes materiais didáticos. Essa é apenas mais

uma consequência do ensino remoto. Por outro lado, surgem alguns debates que questionam o papel da escola em nossa sociedade. Como tornamos a escola um ambiente mais acessível considerando o panorama de desigualdade do nosso país? A Educação Básica, obrigatória a partir dos 4 anos de idade, passa então por um novo desafio dotado de perdas significativas.

Sendo assim, a interação, o processo de ensino-aprendizagem e o próprio processo de humanização das relações sociais ficam fragilizados neste momento, já que a perda não se refere à aquisição de conteúdos, mas sim pelo convívio que foi impossibilitado. Então, torna-se imprescindível que as trocas afetivas sejam ainda mais incentivadas a partir da escuta às famílias, a partir daqueles indivíduos que também fazem parte da comunidade escolar. Não se trata apenas de cumprir atividades. Precisamos refletir que é necessário estabelecer um clima de confiança entre todos, para que não haja culpabilização de um sobre o outro. Afinal, todos estão juntos pelo mesmo direito: à uma educação de qualidade.

Portanto, a *live* intitulada “A escola fechou? Reflexões sobre a Educação Básica na conjuntura atual” teve como objetivo discutir e refletir sobre essas limitações do ensino remoto e seus efeitos na escola. Isto é, a conversa realizada pelas integrantes da *live* contou com falas a respeito da importância do diálogo da universidade neste contexto, e mais, sobre a posição de pensar a escola para além da espacialidade física. Nesse sentido, pensamos em trazer representantes de cada nível de ensino (Educação Infantil, Anos Iniciais, EJA e Ensino Superior) para que a discussão pudesse ser mais completa e envolvesse diferentes vivências. A composição da *live* contou com a presença de duas professoras da Faculdade de Educação da UFRJ, uma orientadora educacional do Colégio de Aplicação da UFRJ e uma estudante de Pedagogia da UFRJ.

### **Atravessamentos, tensões e aproximações com o projeto**

Como retrato do nosso empenho, dedicação e compromisso para com o projeto, constatamos um resultado satisfatório e recompensador das nossas mobilizações. Sendo assim, a partir dos dados colhidos logo após o período da realização do segundo ciclo de atividades, tivemos em média 11 mil visualizações, somados aos mais de mil comentários e 780 curtidas (informações coletadas em outubro de 2020, podendo haver algumas alterações, devido a permanência do evento nas redes). Além dos números sublinhamos aqui, as pessoas por trás desses dados que estiveram conosco ao longo desse processo, interagindo e compartilhando

nosso conteúdo. Tal fato reverbera, inclusive, no alvo de uma extensão que corresponde à extrapolação dos muros universitários, atingindo a comunidade como um todo.

No caso específico dos estudantes do curso de Pedagogia, o distanciamento coloca em risco um sentimento que já é muito delicado: a afiliação acadêmica, como apresentado por Alain Coulon (2008). A entrada na universidade já é por si só um ato de transformação no jovem recém-saído da educação básica. Envolver-se, apaixonar-se ou afetar-se por todas as possibilidades que a vida universitária oferece requer um ato de constante troca, escuta, ação e envolvimento que pode por vezes ser assustador demais. As tentativas de manutenção dos laços, mesmo que de forma virtual, como em projetos e atividades apresentados anteriormente, tem o intuito da continuidade desse sentido e no envolvimento das gerações de estudantes que se viram aliados de suas rotinas acadêmicas para manterem-se vivos. Entrar na universidade é um desafio, manter-se nela configura-se enquanto um ato político. Todos os sujeitos envolvidos na comunidade acadêmica da UFRJ: professores, técnicos e estudantes possuem algum tipo de responsabilidade sobre os novos discentes que ingressam, ainda mais em momento tão adverso. Para além da afiliação acadêmica trazida por Coulon (2008), a transformação do educando oriundo da escola, acostumado a apenas cumprir burocracias relacionadas às notas e à presença em aula, para o estudante envolvido com a construção do saber, transformação e com a pesquisa científica como apontam Larrosa e Rechia (2019), nasce das relações e nas vivências no *campus* que agora, por força do destino, se encontra virtual.

Do mesmo modo, pensar uma vivência mais existencial e estética em tempos de isolamento torna-se um ato de resistência contra o conservadorismo e o negacionismo que tanto nos afligem. Nesse sentido, Larrosa e Rechia (2019), nos chamam a atenção para a força das palavras e como estas determinam nosso pensamento, a forma como pensamos. Pensar, segundo os autores, não é somente raciocinar ou calcular, mas sim dar sentido ao que somos e ao que nos acontece, a forma como nos expressamos diante de nós mesmos e dos outros e do mundo. Com as palavras nomeamos o que sentimos, pelo o que lutamos e aquilo que acreditamos. Por isso existem formas de silenciar ou evidenciar certas palavras, são lutas e não apenas designações vazias. Entendemos que elaborar, executar e refletir sobre um evento como este também se insere no campo da luta.

Hoje, distanciados pelo tempo da produção e execução virtual do projeto Pedagogia da Quarentena, podemos refletir de forma mais tranquila sobre como esta prática transformou nossa vivência acadêmica e como ela foi fundamental para mantermos laços em momento tão

adverso. A experiência para que nos toque e para que nos transforme aponta que precisamos estar preparados para parar, olhar, sentir, escutar, realizar atividades de forma mais lenta e proporcionar a nós mesmos mais tempo e espaço. Seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. A experiência é justamente aquilo que nos passa ou nos toca ou ainda o que nos acontece e, ao passar, nos forma e transforma (BONDÍA, 2002).

As demandas e as necessidades do distanciamento tornaram algumas ações acadêmicas muito complicadas, assim como a manutenção de laços, pesquisas e encontros proporcionados pela universidade. Ameaças não apenas da saúde física e mental como também na manutenção de verbas traz incertezas e angústia a toda comunidade acadêmica, mas são projetos como esse que nos anima a perseverar e seguir acreditando naquilo que Ailton Krenak (2020) no diz que “o amanhã não está à venda”.

## Referências

BARBERIA, Lorena G.; CANTARELLI, Luiz G. R.; SCHMALZ, Pedro Henrique de Santana. **Uma avaliação dos programas de educação pública remota dos estados e capitais brasileiras durante a pandemia do COVID-19**. 2020. Disponível em: [remote-learning-in-the-covid-19-pandemic-v-1-0-portuguese-diagramado-1.pdf](https://fgvclear.org/remote-learning-in-the-covid-19-pandemic-v-1-0-portuguese-diagramado-1.pdf) (fgvclear.org) Acesso em: 10 abr. 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: Edufba, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GUIMARÃES, Cátia. **Janela de oportunidades?** Entidades filantrópicas de origem empresarial oferecem cardápios de soluções para o ensino remoto e o planejamento da volta às aulas. Rio de Janeiro: Fiocruz/ Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2020. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/janela-de-oportunidade>. Acesso em: 10 abr. 2021.

IBGE – instituto brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Schwarcz, 2020.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, dez. 2016.

RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: Lélia Gonzalez. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Quando acaba o século XX - ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. E-book. Disponível em: [https://pdf.zlibcdn.com/dtoken/f8e5901663d6999d272457745f3a962f/Quando\\_acaba\\_o\\_s%C3%A9culo\\_XX\\_\(Breve\\_Companhia\)\\_by\\_Lili\\_5778218\\_\(z-lib.org\).pdf](https://pdf.zlibcdn.com/dtoken/f8e5901663d6999d272457745f3a962f/Quando_acaba_o_s%C3%A9culo_XX_(Breve_Companhia)_by_Lili_5778218_(z-lib.org).pdf). Acesso em: 10 abr. 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 15, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1990.

Recebido: 19.05.2021

Aceito: 04.08.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).